

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE MEDICINA, PSICOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE PSICOLOGIA



**HISTÓRIAS DE VIDA NO TRABALHO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS  
REMUNERADAS**

BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO

Orientador:  
MARIA TERESA DUARTE NOGUEIRA

Pelotas, 2021

# HISTÓRIAS DE VIDA NO TRABALHO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS REMUNERADAS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador:

Maria Teresa Duarte Nogueira

Pelotas, 2021

Bruna Leticia da Silva Bueno

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

B928h Bueno, Bruna Leticia da Silva

Histórias de vida no trabalho de empregadas domésticas remuneradas / Bruna Leticia da Silva Bueno ; Maria Teresa Duarte Nogueira, orientadora. — Pelotas, 2022.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Psicologia. 2. Saúde mental. 3. Empregadas domésticas. I. Nogueira, Maria Teresa Duarte, orient. II. Título.

CDD : 150

# HISTÓRIAS DE VIDA NO TRABALHO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS REMUNERADAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional.

Data da defesa: 29 de novembro de 2021

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Duarte Nogueira (Orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Meiridiane Domingues de Deus

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Laura Sica Cruzeiro Szortyka



Filme "Que horas ela volta?" (2015)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, amigos e professoras, por todo o suporte e orientação prestado nesse momento tão único e desafiador.

Em especial, agradeço a minha tão amada avó, por toda a força. Me ensinou independência, coragem, a 'olhar pro mundo e ir'. Me mostrou, aos meus cinco anos de idade, a realidade de um "quartinho da empregada", quando a acompanhei em seu turno de trabalho. Além de muitas outras vivências do 'ser empregada doméstica'.

Te admiro e te amo demais, obrigada por tudo.

Se sou o que sou hoje, é por ter te tido do meu lado sempre.

'Beixos',

Bru.

# HISTÓRIAS DE VIDA NO TRABALHO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS REMUNERADAS

**Bruna Leticia da Silva Bueno  
Maria Teresa Duarte Nogueira**

## **Resumo:**

Trabalho doméstico em um lar que não é o seu – essa é a realidade das empregadas domésticas, fator que implica em diferentes formas de relações interpessoais, de compensações justas e adequadas e das condições de trabalho. O objetivo desse trabalho é oportunizar um espaço para essas mulheres, que possibilite colocar suas opiniões e angustias sem julgamentos, com o intuito de conhecer a história de cada uma. Foi elaborada a construção de um grupo no *WhatsApp*, de forma que aumentasse a acessibilidade e para que todas se sentissem a vontade de estar lá, comunicar o que desejassem e trocassem experiências entre elas. A partir disso, os resultados encontrados são reflexos de relações coloniais, juntamente com baixa remuneração e excesso de funções. Conclui-se que é necessário e urgente o cuidado com a valorização pessoal-social e a saúde mental das empregadas domésticas, assim como mais estudos atualizados sobre as suas vivências e seus direitos, oportunizando uma maior mobilização social e política a favor dessas mulheres.

**Palavras-chave:** Empregadas domésticas, qualidade de vida no trabalho, relações coloniais, saúde mental.

## **Abstract:**

Housework in a home that is not their own – this is the reality of domestic workers, a factor that implies different forms of interpersonal relationships, fair and adequate compensation and working conditions. The objective of this work is to provide a space for these women, which makes it possible to place their opinions and anxieties without judgment, in order to know the history of each one. The construction

of a group on WhatsApp was designed, in order to increase accessibility and so that everyone felt the desire to be there, communicate what they wanted and exchange experiences between them. From this, the results found are reflections of colonial relationships, along with low pay and excessive functions. It is concluded that it is necessary and urgent to care for the personal-social valuation and mental health of domestic workers, as well as more updated studies on their experiences and their rights, providing opportunities for greater social and political mobilization in favor of these women.

**Keyword:** Maids, quality of life at work, colonial relationships, mental health.

## INTRODUÇÃO

Uma casa como ambiente de trabalho - essa é a realidade de diversas mulheres brasileiras que são profissionais em cuidar de um lar que não é o próprio. Em uma sociedade patriarcal, esse cuidado do lar tem sido historicamente construído como função feminina, e mesmo conseguindo construir outros espaços de trabalho, tal função ainda pode ser vista como unicamente bem desempenhado por mulheres. Então, a profissão de empregada doméstica surge como uma forma de garantir que mulheres possam trabalhar fora de casa, terceirizando o trabalho doméstico.

A qualidade de vida no trabalho de uma empregada doméstica é bastante peculiar. O trabalho remunerado no lar de outras pessoas implica em diferentes formas de relações interpessoais, de compensações justas e adequadas e das condições de trabalho, tais fatores podem estar atrelados na autoestima e saúde mental da profissional.

Para a construção desse projeto, inicialmente foi realizado uma coleta de artigos, com objetivo de uma maior aproximação do tema proposto e assim foi iniciada a revisão da literatura. Com base na revisão realizada, na qual os autores expuseram fatores que são diferenciais no trabalho doméstico remunerado, sendo eles: o trabalho como realização pessoal, gênero, raça e classe social, baixa escolaridade e poucas oportunidades, migrar quando ainda é adolescente, distanciamento social no ambiente de trabalho, imposição de limites entre empregador e empregada, ambiguidade afetiva e falta de proteção do Estado, esse trabalho busca analisar se



esses elementos constroem ou interferem na saúde mental e autoestima positiva da empregada doméstica.

Diante da desigualdade social vivenciada por essas mulheres, mesmo com o avanço dos séculos, a empregada doméstica continua sendo vista como um ser inferior, qual deve prestar grandes serviços em troca de baixos salários, frequentemente recebendo tratamentos abusivos, provocando o constante silenciamento de suas vozes, prejudicando a sua autoconfiança, interiorizando que receber o mínimo é muito para elas. Esse silenciamento é evidenciado quando há os conflitos entre “é como se fosse da família” e a “ultrapassagem de limites”. As posições sociais são bem demarcadas nessas relações.

Esse estudo é de extrema importância, pois tem como objetivo oportunizar um espaço para essas mulheres, que possibilite colocar seus sentimentos sem julgamentos, com o intuito de conhecer a história de cada uma. Dessa forma, se torna possível compreender como a saúde mental é afetada pela profissão e ambiente de trabalho que essa exerce, expondo, se por elas for permitido, os níveis de abusos que sofrem por todos os atravessadores que marcam o trabalho doméstico remunerado. Divulgar suas visões para que ocorra uma mudança de comportamento em nível social entre patrões e empregados, para que possam construir uma troca mais saudável, quebrando com as heranças escravocratas que foram sendo construídas historicamente.

É importante salientar e justificar que o termo ‘patroa/patrão’, ainda que muito colonialista, foi usado em alguns momentos desse trabalho como intuito da aproximação com o público - as empregadas domésticas - que costumam denominar seus empregadores por essa forma.

Após 1889, o serviço doméstico continuará a ser exercido, em sua maioria, ainda por mulheres negras e pobres, porém com outra relação patronal – embora os vestígios da escravidão não fossem eliminados tão rapidamente. (CARMO, 2012, p. 113)

## REVISÃO TEÓRICA

Há uma internalização na sociedade de que o trabalho é uma parte fundamental na vida dos sujeitos, trazendo o trabalho como condição natural do ser humano no qual, mesmo envolvendo dificuldades, faz parte da vida dos indivíduos. Como aponta Bauman (2001, p.158) 'Trabalho' assim compreendido, era a atividade em que se supunha que a humanidade como um todo estava envolvida por seu destino e natureza, e não por escolha, ao fazer história”.

O trabalho, para Albornoz (1986, p.9):

Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra trabalho ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável.

Albornoz (1986, p.24) também coloca que “o indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho”. Esse sentido, pode ser melhor compreendido a partir do espaço inserido - por uma sociedade capitalista, por exemplo, qual coloca o trabalho e o consumo como ponte para ascensão social, e com isso, o sujeito necessita de um trabalho para que se sinta útil, produtivo e com poder aquisitivo para ser considerado uma peça importante dentro da sociedade.

Sendo um elemento tão importante na vida de cada indivíduo, é importante destacar que, historicamente, as divisões de trabalho por gênero foram socialmente estabelecidas de forma patriarcal, ficando para a mulher o (sobre)cargo do trabalho doméstico não remunerado. Com o avanço dos tempos e a conquista de espaços de trabalho antes protagonizado apenas por homens, algumas mulheres começaram a se dedicar ao trabalho remunerado, de modo que o trabalho doméstico passa a se tornar uma segunda jornada. O trabalho doméstico passa a ser, então, terceirizado e remunerado, para outras mulheres:

A partir da inserção da mulher no mercado de trabalho surge a necessidade de se ter alguém que realize as atividades domésticas, cuidar da casa e da família. Nesse sentido, a mulher ao ingressar no mercado de trabalho acaba criando a oportunidade de trabalho para outras mulheres, as empregadas domésticas (CHAVES, 2015, p.42).

Essas outras mulheres, na visão de Coutinho (2018, p.4) são “de baixa renda e escolaridade, revela fortes atravessamentos de gênero, classe e raça, próprios de uma sociedade com heranças escravocratas”. Tais heranças escravocratas, fizeram

com que a mulher negra que anteriormente foi escravizada e obrigada a servir, agora, realizasse as mesmas obrigações, recebendo uma nova denominação e remuneração (Pereira, 2011).

Carmo (2012) traz sobre uma vertente do trabalho doméstico: as amas de leite. Essas, eram responsáveis por de todos os cuidados com os filhos das sinhás. Isso possibilitava um contato muito próximo da família e do lar em que servia. Esse trabalho, que é doméstico, remunerado e realizado por outra pessoa que não é da mesma família dos moradores da casa, provoca à empregada doméstica resquícios dessa proximidade no lar do outro, como o caso das amas de leite, sendo diferentes elementos que não são comuns em outros ambientes de trabalho.

Essa essencialização do feminino, para a mulher negra, tende a ser explorada de forma avassaladora e perversa, antes pelo senhor de escravos (pela exploração sexual, para servir na Casa Grande, como ama de leite), agora pela mercantilização do trabalho doméstico e de cuidados, via mercado privado ou pelas políticas públicas. Podemos perceber que as atribuições permanecem as mesmas, só que em um cenário completamente diferente. Agora o capital não só deixa esse trabalho invisível e subalterno como o “convoca” e o aprofunda para permitir a reprodução do modo de produção capitalista. (PASSOS, 2017, p. 88)

De acordo com Brites (2007) é possível ver que, trabalhando na casa de outra pessoa, há afetos e distâncias. Brites (2007) coloca o relato de caso em que acompanhou: a empregada doméstica tinha uma relação muito próxima dos filhos de seus patrões, mas quando um dos filhos lhe pediu para deitar na cama com ele, ela sabia que aquilo era um limite que ela não poderia ultrapassar.

As empregadas ocupam os espaços na casa dos patrões e [...] as crianças aprendem, através de suas rotinas cotidianas, a naturalizar a desigualdade, conciliando relações carregadas de enorme afeto com a, aparentemente, inevitável distância social (BRITES, 2007, p. 107).

O termo “ambiguidade afetiva” de Brites e Picanço (2014), demonstra como há a presença de sentimentos bons e ruins no trabalho doméstico remunerado, e é evidenciado pelo autor Girard-Nunes e Silva (2013) quando coloca sobre a relação do trabalho doméstico em uma casa que não é sua, qual se misturam apego, afeto, trabalho e dinheiro.

As afetividades são utilizadas como expediente de aproximação entre a empregada e empregadora, sendo desejada por uma e outra, pois geram expectativas de lealdade e de proteção. Esta relação de proximidade, vista na expressão “é como se fosse da família”, típica

das relações entre empregadas e empregadores, se desfaz em situações de humilhação nas quais o empregador coloca o empregado de volta em sua posição e reassume seu papel hierárquico superior (GIRARD-NUNES & SILVA, 2013, p. 599)

Monticelli (2013) coloca que o trabalho doméstico remunerado é realizado, em sua maioria, por mulheres negras e que não chegaram a finalizar os seus estudos. Era comum que essas mulheres, quando ainda adolescentes, fossem convidadas a mudar da casa de sua própria família para trabalhar como empregada doméstica em uma casa de família em outra cidade ou estado (BRITES, PICANÇO, 2014).

O trabalho doméstico, exercido predominantemente pelas mulheres, é uma atividade histórica e ligada às habilidades consideradas femininas, no contexto da escravidão, o papel de organização e cuidado da casa grande, ficou a cargo das mulheres negras, enquanto para as mulheres brancas a principal função dentro do lar era o de estabelecer a ordem e o bom funcionamento do lar (PEREIRA, 2011, p.5).

Brites (2007) traz sobre a visão higienista do quarto e banheiro da empregada, localizado normalmente, após a lavanderia: “Podem estar cheios de entulhos, vassouras, baldes e tudo que “não presta mais” ou que deve permanecer escondido para não perturbar a beleza e a ordem do lar.” (BRITES, 2007, p. 104). A divisão de posições sociais aqui se mostra clara: inferioriza, impõe limites à empregada. As funções da empregada doméstica são cuidar de um lar que não é o seu próprio, participar ativamente e diariamente da rotina familiar, possuir um imenso apego aos filhos de seus chefes - que muitas vezes auxiliou nos cuidados e garantiu apego e proteção às crianças desde quando eram bebês - porém, ela não é realmente considerada como um membro da família. Pode trabalhar em uma casa e ser extremamente apegada aos filhos dos patrões, mas não é realmente da família.

Girard-Nunes e Silva (2013) expõe que a falta de segurança e proteção gerada pelo Estado contribui para a exploração da empregada doméstica remunerada. As boas e frequentes relações interpessoais e a afetividade gerada entre empregadores e empregada faz com que sejam “aceitas condições que não condizem com o prescrito do trabalho. Tal valorização não ocorre por acaso, dá-se pela falta de proteção encontrada na esfera do mercado e do Estado” (GIRARD-NUNES & SILVA, 2013, p. 600).

As empregadas domésticas encontram na relação pessoal com seus empregadores um meio de obter “ganhos extracontratuais”: favores,

ajuda, moradia, alimentação, adiantamento de salário, entre outros. Tais favores concedidos pelos empregadores criam um laço que, muitas vezes, prejudica a formalização do contrato de trabalho. Os empregadores por sua vez têm um sentimento de oferecer muito mais do que prevê a lei, particularmente quando socorrem suas empregadas em momentos de necessidade (GIRARD-NUNES e SILVA, 2013, p. 600).

Brites e Picanço (2014) também colocam que é a partir do trabalho doméstico remunerado que a mulher com baixa escolaridade e poucas oportunidades consegue a sua independência e o acesso aos bens de consumo enaltecidos pela sociedade. Esses fatores são facilitadores para que essa profissão seja inferiorizada, seus direitos não sejam colocados em prática, e seja assumida uma prática de servidão, tanto pelo Estado como pela sociedade que desvaloriza essa profissão.

Compreende-se, então, que pensar o trabalho doméstico, é pensar nas estruturas que o mesmo carrega, a história que vem por trás disso e como a sociedade pré-determina essa função para mulheres.

A hierarquia social baseada na raça e igualmente no gênero estabelece que há uma posição inferior na relação ampla entre brancos/negros, homem/mulher, deve corresponder uma posição inferior no trabalho onde o lugar de um jamais seja ocupado pelo outro. (BENTO, 1995, p. 484)

Portanto, a qualidade de vida no trabalho da empregada doméstica se apresenta como um ponto importante a ser analisado, visto que é um ambiente de trabalho diferente das tradicionais empresas e instituições. O espaço de trabalho, que é o lar de uma família, as relações interpessoais, que envolvem apego emocional, as compensações justas e adequadas, reconhecendo o esforço desse trabalho e o salário e, também, as condições de trabalho, que se diferem em cada casa. Esses principais critérios e indicadores foram formulados por Walton (1973), pensando de forma global a qualidade de vida no trabalho (QVT), orientando sobre os diversos aspectos que contribuem para com que a QVT seja satisfatória para a empregada.

Todas as categorias elencadas por Walton fazem refletir e entender que a QVT está interligada não somente a aspectos da execução da tarefa em si, mas a tudo que está ao redor dela, como as condições do trabalho, do ambiente, do convívio social, das oportunidades de crescimento e desenvolvimento, do cumprimento de normas, direitos e deveres, além do equilíbrio entre a vida profissional e pessoal e aquilo que o trabalho representa perante a comunidade. (TIECHER, DIEHL, 2017, p. 48)

Esses percursos, desde migrar da sua própria casa para ir trabalhar e morar em um ambiente desconhecido, o distanciamento social imposto com os limites empregador-empregado, o trabalho como posição social e possibilidade de aquisição de bens e, também, as ambiguidades afetivas, constroem a saúde mental e a autoestima da mulher empregada doméstica.

A autoestima não é algo que se conquiste sozinha/o, é nas relações com o mundo que se elabora, depende de lutas coletivas para ser conquistada. Vemos a equiparação de direitos como resultado das lutas e como importante fator que conduz aos novos passos necessários para a construção de uma sociedade mais justa. (GIRARD-NUNES e SILVA, 2013, p. 604)

Mosquera e Stobäus (2006, p. 84) conceitua autoimagem e autoestima. “A autoimagem surge na interação da pessoa com seu contexto social, consequência de relações estabelecidas com os outros e para consigo mesmo”. E esse social, une-se a uma visão própria sobre si, “é composta de uma parte mais real e de outra mais subjetiva, [...] tentando perceber significados antes atribuídos ao meio, que depois são seus”.

Ainda para o mesmo autor autoestima “é o conjunto de atitudes que cada pessoa tem sobre si mesma, uma percepção avaliativa sobre si próprio, uma maneira de ser, segundo a qual a própria pessoa tem ideias sobre si mesmo, que podem ser positivas ou negativas” (MOSQUERA & STOBÄUS, 2006, p.85).

Sempre dizemos que todo ser humano tem necessidade de valorização positiva, ou auto-estima positiva, no sentido de mais real, e esta é aprendida mediante a interiorização, ou introjeção das experiências de valorização realizadas pelos outros para ela. Como nosso organismo é um todo integrado, com possibilidades dinâmicas de auto-realização, é muito importante relacionar entre si auto-imagem, auto-estima e auto-realização, como ser humano (MOSQUERA e STOBÄUS, 2006, p 84).

Um estudo sobre a saúde mental com trabalhadoras do serviço de limpeza de um hospital universitário (Carvalho e Gonçalves, 2003) indicou que não se sentiam valorizadas pela sua prestação de serviço no ambiente de trabalho. “Essa situação não as atinge apenas fisicamente, mas emocional e psicologicamente, fazendo-as sentirem-se, muitas vezes, desvalorizadas como profissionais e como pessoas” (p. 59)

A autoestima não é exclusivamente dependente do julgamento do outro, mas esse julgamento pode refletir negativa ou positivamente na mesma. Do ponto de vista profissional, mais do que do pessoal, a valorização externa é muito importante. Ser reconhecido como “profissional”, como alguém que desenvolve um trabalho digno, importante para a equipe, vai, sem dúvida, contribuir para uma motivação maior e uma melhor qualidade de vida. Assim, valorizar-se e ser valorizado é um encadeamento positivo para o trabalho, contribui com a autoestima e vai ajudar a manter um equilíbrio psicoemocional. (GONZALEZ e CARVALHO, 2003, p. 60)

Visto que o social e o ambiente inserido importam para a autoestima, contribuindo para a construção de uma autoimagem e autorrealização, elementos fundamentais para uma saúde mental positiva, é necessário investigar como esses fatores se apresentam para as empregadas domésticas, relacionando com a sua qualidade de vida no trabalho.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do método ‘História de Vida’, com enfoque qualitativo, de uma forma que possibilite o diálogo, construções e compreensão sobre o universo do sujeito pesquisado. “O método de história de vida pode ser classificado como um método científico, com a mesma validade e eficiência de outros métodos, sendo que o compromisso maior do pesquisador é com a realidade a ser compreendida” (SILVA, et al. 2007, p.25)

Diante da atual conjuntura do país em 2021, foi encontrado vários empasses para a realização desse trabalho como tinha se pensado em um primeiro momento. Visto que as entrevistas não poderiam acontecer presencialmente, pensou-se em realiza-las de forma online, por meio de chamadas de vídeo. Porém, pela densidade do assunto, as questões pessoais envolvidas, em apenas um encontro de coletas de dados, concluiu-se que essa opção não era a mais ética e respeitosa com as entrevistadas.

Por fim, foi elaborada a ideia e construção do grupo no *WhatsApp*, de forma que todas se sentissem a vontade de estar lá, comunicar o que desejassem e trocassem experiências entre elas. Essa ideia foi inspirada na construção da obra “Eu, empregada doméstica” da autora Preta Rara (Joyce Fernandes) que oportunizou um espaço de trocas por um grupo do *Facebook*.

Inicialmente, pensou-se em propiciar uma conversa entre quatro a seis mulheres. Com a criação do grupo, o alcance foi maior e sem limites geográficos. Ao todo, estiveram no grupo 13 mulheres, em maioria, mulheres negras, que estão localizadas em Pelotas – RS, São Paulo – SP, Belo Horizonte – MG, Porto Alegre - RS, com idades entre 40 a 55 anos, que compartilharam suas experiências, trocaram relatos, pediram ajuda, desabafaram, encontraram apoio em um grupo de iguais, podendo se identificar e reunir forças, sem julgamentos e desqualificação de sentimentos.

Foram mais de 1000 mensagens, que elucidaram a experiência de ser uma empregada doméstica no Brasil, em contexto de pandemia, com resquícios de uma sociedade colonialista. Assuntos como as condições de trabalho que extrapolam a sua principal função, o salário base, os afetos e desafetos, a segunda jornada pós o trabalho remunerado e a sua saúde mental foram assuntos debatidos nesse grupo, que acolheu e disponibilizou um espaço de troca e pertencimento.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, serão apresentadas as falas que surgiram a partir de um grupo de Whatsapp, criado para discutir e compreender melhor a realidade em que essas mulheres se encontram. Além disso, pode-se confirmar as afirmações colocadas pela literatura. Inseridas em uma sociedade do século XXI, repleto de avanços e tecnologias, empregadas domésticas denunciam que a sua vivência ainda é antiga, que o poder e o controle sobre o corpo de um funcionário ainda são aplicados, de forma que as práticas coloniais se perpetuem.

O assunto mais debatido no grupo se refere a compensação justa e adequada, com exemplos de um único salário, para a execução de diversas profissões, assim como foi apontado por Girard-Nunes e Silva (2013), sobre o aceite de realizações de tarefas além do acordado. Nos relatos, é possível verificar que não apenas o cuidado do lar fica como responsabilidade da empregada doméstica, mas também o cuidado com o empregador e com a sua vida íntima. Há as trocas que mais beneficiam os empregadores: “tem quatro anos que não tiro férias, tenho que vender porque ela argumenta que não tem quem olha os meninos”.

E se fosse só a casa estava bom. A gente ter que cuidar até das coisas pessoais, como a gente fosse, empregada, babá, enfermeira, veterinário, cozinheira, passadeira, lavadeira, jardineira, faxineira, educadora, tudo isso pra uma pessoa só, e ainda acha que a gente poderia fazer mais.

Eu trabalho a 25 anos na mesma casa e era só doméstica trabalhava das 8 às 13 hs e ganhava salário mínimo, com o tempo as horas aumentaram e trabalhava até as 18:30 e não ganhava horas extras. Agora recebo horas extras, mas faço unhas, arrumo cabelo, faço maquiagem, dou banho, faço comida para muita gente e ainda trabalho sábado até o meio dia. Ela teve covid e até no hospital eu fiquei porque não queria que a família ficasse com ela. Viajava com ela e nunca ganhei nada. Até feriado e domingo e achava que eu tinha obrigação, porque empregada não tem direito a nada.

As queixas aos salários foram expostas, alegando que o serviço prestado não é condizente com o valor pago por ele. “É engraçado isso quer ter coisas difícil, mas não quer pagar e nem limpar. Aonde eu trabalho é uma cobertura quer mesa posta e um monte de exigências. Eu ganho 1600, mas já estou a 4 anos, infelizmente elas pagam uma miséria mesmo”, “Pois é, se quer ter uma casa linda cheia de vidros e coisa e tal tem que pagar o preço, se quer um carro caro tem que pagar o preço, tudo de bom e bonito tem que pagar o preço. Aí quer ter tudo isso e não quer pagar?”

Vou conta um relato, estou morta de cansada. Fui na casa de uma família, era 12 cômodos grandes e 5 banheiros, limpei cômodo por cômodo. A dona da casa não ofereceu nem água e ainda pagou 100 reais. Estou passada. Quando cheguei ela nem desceu pra me receber, do quarto gritou “deixa suas coisas aí na lavanderia e sobe com o material”, não mostrou nem a casa pra mim. Pleno domingo sai de casa 5 da manhã pra passar raiva.

Um aspecto importante levantado pelas componentes do grupo foram as próprias atitudes criadas para não ter que lidar com a inferioridade imposta pelos seus empregados. Os turnos de trabalho e horários de entrada e saída, horários de almoço, não costumam ser previamente estabelecidos, fazendo com que as mesmas se sintam perdidas, precisando buscar fazer mais do que lhe se é esperado. Relatos como: “Bom, eu não como no serviço, levo a minha marmita, pois odeio miséria” e “É tudo contado. Eu só almoço quando todos já almoçaram. Por isso levo a minha comida e lá nem os restos eles dão. E também jamais comeria resto, preferia nem comer” mostram que há dificuldade em um simples almoço, direito de qualquer trabalhador.

Sim, oito horas trabalhadas sem hora de almoço. Almoço na casa da mãe dela, mas pra mim almoçar lá e não cozinhar no AP dela, tenho que arrumar a cozinha onde almoço. O prédio foi construído só pra família, então somando são dez pessoas e eu tenho que arrumar a cozinha. Da dez pessoas incluído netos, genro, nora. Trabalho de Segunda a Sexta. Ganho 1400.

Por trabalharem no lar do outro, as relações interpessoais se misturam, assim como foi colocado por Brites (2007) sobre os afetos e distâncias. É visto como o cuidado com o outro é um elemento importante, uma demonstração de lealdade entre a parceria realizada entre empregadores e empregada.

Eu olho o bem mais precioso deles que são os filhos, olha que não são meninos fáceis de lidar, mas mesmo assim trato com todo amor e carinho, e os meninos são atrevidos e a mãe não gosta que eu delato nada que eles fazem, ela diz que ela já sabe, porque aqui só não tem câmera no banheiro, mas no resto sou vigada o tempo todo.

As tarefas além de sua função não dispensam o controle e monitoramento por parte dos chefes. “Eu sou uma pessoa tímida e por conta disso, não sabia falar “não” e a patroa começou a montar em cima de mim, tipo quando tinha as festinhas eu ficava lá até tarde isso no sábado E ainda por cima sem comer nada, passando fome”.

Aonde eu trabalho também tem câmera, mas não ligo para isso. Mas eu só descobri mesmo por causa da cara feia quando eu ia comer, aí comecei a me tocar e hoje levo a minha marmita, mas mesmo assim isso ainda me afeta, pois você fazer a comida e não poder comer, é muito difícil isso.

A relação com a figura feminina empregadora, é a mais criticada. Observa-se que há uma dinâmica de poder, ficando a 'patroa' a função de cuidar e delegar as tarefas que devem ser feitas pelas empregadas, assim como inspecionar essa execução, Pereira (2011) exemplificou: "enquanto para as mulheres brancas a principal função dentro do lar era o de estabelecer a ordem e o bom funcionamento do lar" (p.5).

Assim como colocaram Girard-Nunes e Silva (2013), sobre a aproximação e lealdade entre empregadora-empregada, que é rapidamente quebrada e realocada para a posição hierárquica, uma componente do grupo expõe: "São todas iguais, são boazinhas até o momento em que não damos prejuízo em nada.". Já outra, comenta sobre as diversas de tarefas e comentários sobre seu serviço: "Eu estou com 46 anos e trabalho só 4 anos de doméstica e estou de saco cheio, muita exploração. Realmente é um serviço desgastante fora que todos os dias vem com uma novidade diferente pra gente fazer".

A relação de aproximação-lealdade oportuniza a quebra dos limites pessoais da empregada. Estando tão presente na casa e na vida de sua 'patroa', essa acredita que as outras atividades da empregada são negociáveis e a sua prioridade deve ser a sua família.

As crianças onde eu trabalho já vão crescer achando que a empregada é uma simples e necessitada empregada, pela falta de respeito até quando estou doente e vou ao médico e pego atestado. Ela me inferniza o tempo todo ligando, mandando mensagens. Já cansei de ouvir elas dizerem que eu sou paga pra isso.

Assim como, acredita que ao pagar pelos serviços da empregada doméstica, e esse ser um trabalho no lar dos 'patrões', esses podem se ausentar de fazer o básico para manter a casa minimamente organizada.

"Te garanto que animais acaba com seu psicológico. Uma mão na bosta, outra na comida. Tem dias que eu nem como de tanto nojo. Eu gosto de animais, mas eles têm que adestrar esses cachorros".

Não consigo entender porque essas patroas acham que tem empregada e que nós somos obrigadas a dar descarga até no vaso que usa. Minha patroa não dá descarga nem nada. Isso é o de menos, tem várias outras coisas que eu acho absurdo deixar a gente fazer.

A falta de oportunidades e a falta de experiência, como apontou Coutinho (2018) e Brites e Picanço (2014), provoca a permanência em trabalhos não

valorizados. “Eu só peguei esse serviço porque não aparecia nada mesmo, por causa da minha idade e pela falta de experiência”, “A sim eu já pensei até em ser gari, melhor que empregada e ganha bem e tem todos os direitos”, “Eu mesmo tenho 32 e não tenho nenhum registro, perdi muito tempo cuidando dos meus meninos e isso me prejudicou”

Eu vou fazer algum curso, estudar algo, pois não quero ficar velha e trabalhando em casa de família, mas Deus sabe de tudo sei que vou me esforçar para sair disso. Isso não é vida para ninguém. Tem casas boas sim tem mas é muito difícil, a maioria é exploração mesmo.

Se eu pudesse hoje não iria trabalhar mais como empregada. Esse povo acha que é fácil cuidar da casa deles. E não querem pagar o que merecemos. Eu mesma não pude fazer faculdade pois minha filha era bebê e não tinha como pagar uma pessoa para ficar em casa, aí desisti.

O espaço total de vida fica comprometido pela segunda jornada ao chegar em casa e precisar realizar as mesmas tarefas, mas em seu próprio lar, há pouco tempo de sobra para relaxar e para o autocuidado. “Para sobrar tempo tem que sempre deixar algo para lá e fazer somente o que mais necessário.” Algumas componentes do grupo relataram que agora não cuidam mais de seus filhos ao chegar em casa, mas cuidam de seus netos.

Já as condições de trabalho, que na visão das empregadas domésticas, eram ruins anteriores a pandemia, pioraram com o cenário de Covid-19 no Brasil, provocando a vulnerabilidade na sua própria saúde, saúde dos familiares e a possibilidade de perder o emprego. Um levantamento da Organização Internacional do Trabalho (2021) indicou que 25% das empregadas domésticas perderam o emprego durante a pandemia. Esse dado, é analisado com base nas empregadas domésticas registradas. Estima-se que esse número seja maior para as não registradas. Algumas componentes do grupo expuseram essa nova condição de trabalho:

No mês de maio eu peguei covid da minha patroa. Ela estava com covid e não me dispensou mesmo assim. Aí eu comecei a sentir uns sintomas e fui fazer o teste. Deu positivo, quando peguei o atestado e fiquei afastada por 14 dias, ela mesmo assim ainda achou ruim. Isso ainda está engasgado na minha garganta. Eu podia ter morrido ou passado para alguém. Sim ela quer que vá, não está nem aí para a pessoa em si. Essas coisas que me deixa triste como pode o ser humano ser assim ruim.

Esse relato gerou outros compartilhamentos:

Antes da pandemia tinha uma faxineira que ia uma vez por semana, achava pouco uma vez porque o AP é grande com terraço, piscina, churrasqueira, área de academia... aí veio a pandemia eles dispensaram a faxineira porque ela pegava ônibus e eles ficaram com medo, e o serviço de todo o AP ficou por minha conta, mas sinceramente não estou dando conta e não estou mais feliz.

E o meu patrão pegou covid e escondeu de mim, só fiquei sabendo ao juntar umas papeladas e achei o resultado positivo. Eles me falaram que ele estava de dengue. Resumindo não estava nem aí pra mim e muito menos com meus familiares, só mandaram eu usar máscara por via das dúvidas, graças a Deus me protegeu e me guardou. Mesmo assim por lei não poderia ir trabalhar, por ser doença contagiosa.

As leis para as empregadas domésticas foi um assunto discutido e compartilhado pelas integrantes do grupo. Muitas não conheciam os seus direitos, e aquelas que conheciam, compartilhavam os seus saberes. A partir de 2013, o trabalho doméstico foi melhor reconhecido e remunerado pela PEC das Domésticas (BRASIL, 2013). Dentro da lei, coloca-se a necessidade de o empregador oferecer os itens necessários para a execução do trabalho, assim como a proteção do empregador para prevenir acidentes do trabalho.

O registro na carteira de trabalho deve ser realizado quando a empregada doméstica frequenta a mesma casa mais de duas vezes por semana, deixando de ser uma empregada doméstica diarista, para mensalista. Com o registro, a empregada doméstica deve trabalhar até 44 horas semanais, no máximo 8 horas por dia, devendo receber, no mínimo, um salário mínimo. Dessa forma, assegura-se os direitos trabalhistas, de forma que se diminua os pedidos vantajosos apenas para os contratantes, como foi apontado por Girard-Nunes e Silva (2013) sobre a ausência de apoio a essas mulheres por parte do Estado.

Eu comecei a não fazer, deixava as coisas pesadas sujas. Aí eu cobro 800 por mês para a limpeza pesada e ainda é pouco. Mas trabalhei por 2 anos sem cobrar até cair a minha ficha e eu comecei a não fazer. Faxina grossa e faxina tem que contratar uma faxineira. Ou você cobra a parte a sua limpeza pesada, ou então não faça. Se achar ruim mostra a lei para ela.

Mesmo com as leis, o sentimento compartilhado entre as empregadas era de exploração. “Sou doméstica porque preciso, sei que é uma profissão digna, mas jamais ensinei minha filha seguir minha profissão. Quero o melhor pra ela. A gente é muito discriminada”. Algumas empregadas compartilharam que sentem vergonha e costumam não dizer para conhecidos sobre a sua profissão, por terem medo de serem

discriminadas.

E elas tem as empregadas para cuidar da casa e dos filhos e trata as pessoas mal. Fico pensando, fácil ter uma empregada para fazer tudo e pagar uma miséria. Isso é aqui no Brasil, nos outros países só tem empregada quem paga bem e quem pode.

Uma delas, relatou: “Trabalho doméstico, é como se fosse uma escravidão, não é o serviço em si que é desgastante, mas sim o pior fica na parte emocional”. Todas relataram um grande desgaste psicológico vinculado ao seu serviço: há grandes exigências, excesso de culpa, trabalho, humilhações e cobranças. “Eu faço terapia a 1 ano e meio devido aos abusos no serviço”, “Já pedi as contas por conta desse estresse, eles me deram licença que foi descontado nas férias. Amanhã volto a trabalhar, confesso com a maior vontade de não ir...”

Um episódio que aconteceu comigo nessa casa mesmo que trabalho, era uma sexta feira lavei os quatro banheiros que possui no AP, e coloquei papel higiênico em três e esqueci de colocar na suíte. Ficava assim ‘depois eu coloco’, deu a hora de ir embora, eu fui, mas esqueci de colocar o tal papel higiênico. Quando deu por volta das oito da noite a madame me liga falando que eu não tinha colocado o papel. Pedi desculpas pra ela e tudo mais, sabe o que ela me respondeu? Disse que se eu morasse longe ela ia mandar eu ir lá pra colocar que só assim eu nunca mais iria esquecer, engoli o choro pra ela não percebe, e o inútil do meu marido ouviu tudo e nem me deu uma palavra de consolo, só virou pra mim e disse a vida é assim mesmo, chorei a noite toda e puxava meus cabelos com tanta força de ódio que eu sentia de mim.

Foi possível observar que há uma tentativa, por parte dos contratantes, de tratarem a empregada doméstica como inferior, prejudicando, assim, a sua saúde mental e autoestima. Gonzalez e Carvalho (2003) e Mosquera e Stobäus (2006) apontam que o julgamento exterior, interfere na autoestima, qualidade de vida e equilíbrio psicossocial. “A maioria não trata bem porque na verdade elas olham a gente como inferior, essa é a verdade”, “Um dos grandes problemas desse serviço é justamente o psicológico, pois somos humilhadas e discriminadas e isso afeta o psicológico”.

Não é o trabalho que desgasta e sim a pessoa para quem se trabalha, que vai se desgastando, a maneira que a pessoa te trata, o jeito de agir. Isso tudo dá um desgaste grande na mente e quando chega a um ponto que você vai trabalhar sem vontade nenhuma, aí se torna muito ruim. Todas as pessoas são diferentes, mas a grande maioria trata sim as empregadas com indiferença pois se acham melhores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve a intenção de oportunizar um espaço de exposição da realidade das empregadas domésticas, a partir dos elementos colocados por Walton (1973) sobre a qualidade de vida no trabalho. Foi verificado que a compensação justa e adequada, na visão das empregadas domésticas, é muito inferior ao adequado. Relataram uma baixa remuneração para serviços que demandam grandes desgastes, com resistência por parte dos empregadores de valorizarem essa compensação. As empregadas domésticas veem seu serviço como uma 'mão de obra' barata, possibilitando aos empregadores se ausentarem dos serviços domésticos, em troca de baixos salários.

Esses baixos salários, resultam de uma construção histórica escravocrata, que assimilou os cuidados domésticos as mulheres, sobretudo, mulheres negras. Ao (sobre)cargo do lar e dos filhos, a integração social no ambiente de trabalho das empregadas domésticas persiste nas ambiguidades afetivas (Brites e Picanço, 2014), entre a lealdade com seus empregadores e o afeto pelos filhos deles, mas com constantes provações de hierarquizações sociais.

As condições de trabalho perpassam por jornadas de trabalho exaustivas, mas pode-se notar que as empregadas domésticas do tipo mensalistas, conseguiram o seu direito assegurado pela PEC das Domésticas (BRASIL, 2013) com os horários diários condizentes aos estipulados. Porém, foram relatados abusos por parte dos empregadores, ao não respeitarem o período de atestado por Covid-19 – tanto por chefes contaminados com a doença quanto com as empregadoras com o seu período de repouso por conta da contaminação.

Algumas empregadas domésticas relataram sentirem vergonha de sua profissão. Se sentem desvalorizadas e inferiores diante a sua posição social. Essa visão é reafirmada pelos 'patrões', ao desqualificarem e silenciarem as suas vozes. Essas profissionais acabam praticando mais do que o seu serviço previamente acordado e relatam não saberem dizer 'não' quando algum pedido lhes desagrada.

Os trabalhos exaustivos, as relações interpessoais conflitantes e o sentimento de desvalorização, contribuem para uma qualidade de vida no trabalho negativa, provocando, também, uma autoestima e saúde mental negativa. O desgaste emocional foi relatado como uma das principais insatisfações a essa profissão.

É visto a necessidade do cuidado em saúde mental com essas mulheres, por experienciarem um ambiente de trabalho peculiar, com heranças coloniais, empregadas domésticas apresentam angustias internalizadas, sentimentos de serem inferiores pelas provocações sociais. Percebeu-se, durante a construção desse trabalho, que muitas encontram forças para lidar com seus sofrimentos pela sua espiritualidade. Sendo seres biopsicossociais e espirituais, é essencial que o cuidado seja amplo nesses elementos, mas ainda poucos pensam sobre a saúde mental dessas mulheres.

Uma limitação desse estudo foi a realização apenas com mulheres com acesso e facilidade tecnológica. Também não foram aprofundadas pelas integrantes do grupo a questão de gênero e racial que esta profissão socialmente impõe. Ainda que muitas relacionaram a profissão como uma adaptação de escravidão, não foi debatido sobre esse tema, o maior foco foi em seus relatos pessoais e o compartilhamento de opiniões.

O intuito desse trabalho era oportunizar um espaço de escuta e trocas. Ainda que aconteça uma quebra do academicismo pela criação de um grupo no *Whatsapp*, foi por meio dele que essas mulheres se conectaram, se identificaram, criaram laços, contaram as suas histórias. Em meio a pandemia de Covid-19, as relações interpessoais focaram-se no virtual, e por meio desse, foi necessário e possível a readaptação de práticas de escuta e de pesquisa.

Conclui-se que é necessário e urgente o cuidado com a valorização pessoal-social e a saúde mental das empregadas domésticas, assim como mais estudos atualizados sobre as suas vivências e seus direitos, oportunizando uma maior mobilização social e política a favor dessas mulheres.



## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar, 2001.
- BENTO, M. A. S. A mulher negra no mercado de trabalho. **Revista Estudos Feministas**. N. 02, p. 479-488, 1995.
- BRASIL, **Lei complementar N° 150, DE 1º DE JUNHO DE 2015**.
- BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu [online]**. n. 29. 91-109, 2007.
- BRITES, J. & PICANÇO, F. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. **Revista Latino-americana de estudos do trabalho**. v.19. n.31, 131-158, 2014.
- CARMO, I. N. Entre sinhás, mucamas, iaiázinhas e amas de leite: mulheres negras e brancas na sociedade brasileira do século XIX e início do XX. **Revista Senso Comum**, 2, 108-123, 2012.
- CHAVES, J. **Análise da qualidade de vida no trabalho – Um Estudo com Empregadas Domésticas na Cidade de Tucunduva**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Rio Grande do Sul – UNIJUI, 2015.
- COUTINHO, M. C.; MADERS, T. R.; WESTRUPP, M. B.; D'AVILA, G. T. História de uma trabalhadora doméstica. Athenea Digital. **Revista de Pensamiento e Investigación Social**, vol. 18, núm. 2, 2018. 1-27.
- GIRARD-NUNES, C. & SILVA, P. H. I. *Entre o prescrito e o real: o papel da subjetividade na efetivação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil*. **Sociedade e Estado [online]**. v. 28, n. 3, 587-606, 2013.
- GONZALES, B., CARVALHO, M. Saúde mental de trabalhadoras do serviço de limpeza de um hospital universitário. Acta Scientiarum. **Health Sciences**. 25(1):55-62, 2003.
- MONTICELLI, T. A. **Diaristas, afeto e escolhas: ressignificações no trabalho doméstico remunerado**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2013.
- MOSQUERA, J.J.M., STOBÄUS, C. D., *Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade*. **Psicologia, Saúde e Doenças [Internet]**. v.7n.1, 83-88, 2006.
- PASSOS, R. G. “De escravas a cuidadoras”: invisibilidade e subalternidade das

mulheres negras na política de saúde mental brasileira. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano 20, n. 38, p. 77-94, 2017.

PEREIRA, B. P. **De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o “lugar” das mulheres negras no pós-abolição**. XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH, v. 50, 2011.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SILVA, A.P. et al. Conte-me a sua história: reflexões sobre o método de história de vida. Mosaico: **Estudos em Psicologia**. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.25-35, 2007.

SHAUGHNESSY, J. J; ZECHMEISTER, E. B; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9ª Ed - Porto Alegre: AMGH, 2012.

TIECHER, B.; DIEHL, L. Qualidade de Vida no Trabalho na Percepção de Bancários. **Pensamento & Realidade**, v. 32, n. 1, p. 41-60, 2017.

WALTON, R. E. Quality of working life: what is it? USA: **Slow Management Review**, v.15, n.1, p.11-21, 1973.

25% das empregadas domésticas foram demitidas na pandemia, diz OIT. **IG Economia**. Disponível em < <https://economia.ig.com.br/2021-06-15/empregadas-domesticas-pandemia.html> >. Acesso em: 01 nov. 2021